

## **Retratos de heteras? Arquíloco de Paros, Fr. 30, 31, 33 IEG**

### ***Images of Hetairai? Archilochus of Paros Fr. 30, 31, 33 IEG***

Paula da Cunha Correa

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo / Brasil

correa@usp.br

**Resumo:** Neste estudo são comentados os fragmentos 30, 31, 33 IEG de Arquíloco e a sua fortuna crítica. Os fragmentos 30 e 31 IEG foram reunidos por Bergk (1882,<sup>4</sup> 1915) em um só poema, e nisso vários editores e comentadores o seguiram. Tal junção será discutida, assim como as imagens que suscitaram interpretações distintas e, às vezes, diametralmente opostas: alguns leram os versos em chave “romântica” como uma comovente descrição da jovem Neobula, “noiva” do poeta; ao passo que outros, desde Liebel (1812, 1818),<sup>2</sup> supõem que o mirto e a rosa (Fr. 30 IEG) tivessem conotações eróticas. Mais recentemente, Della Corte (1940, p. 94, nota 3) e Lavagnini (1947, p. 102-103)<sup>3</sup> sugeriram que a descrição do sujeito nestes versos pode ter sido influenciada pelas *kórai* da estatuária arcaica.

**Palavras-chave:** Arquíloco; Poesia Grega Arcaica; Jambos; Heteras

**Abstract:** This paper presents comments on fragments 30, 31, and 33 IEG of Archilochus, and their critical fortune. Fragments 30 and 31 IEG were united in a single poem by Bergk (1882, 1915), in which he was followed by many editors and critics. This joining of the fragments will be discussed, as well as the images that gave rise to different, and sometimes entirely opposite, interpretations: some read the verses “romantically” as a moving description of the young Neoboule, the poet’s “fiancée”; while others, since Liebel (1812, 1818), suppose the myrtle and rose (Fr. 30

IEG) may bear erotic connotations. More recently, Della Corte (1940, p. 94, n.3) and Lavagnini (1947, p. 102-103) suggested that the description in these verses might have been influenced by Archaic statues (kórai).

**Keywords:** Archilochus; Archaic Greek Poetry; Iambi; hetairai.

Recebido em: 31 de maio de 2017.

Aprovado em: 9 de junho de 2017.

**Fr. 30:** Pseudo-Amônio (*de adfin. vocab. diff.* 431, p. 111 Nickau)<sup>1</sup> ῥόδον καὶ ῥοδωνιά καὶ ῥοδῆ διαφέρει. ῥόδον μὲν γὰρ τὸ ἄνθος, ῥοδωνιά δὲ ὁ τόπος, ῥοδῆ δὲ τὸ φυτόν. Ἀρχίλοχος·

ἔχουσα θαλλὸν μυρσίνης<sup>2</sup> ἐτέρπετο<sup>3</sup>  
ῥοδῆς<sup>4</sup> τε καλὸν ἄνθος.<sup>5</sup>

*ródon*, *rodōniá* e *rodé* diferem. Pois *ródon* (“rosa”) é a flor, *rodōniá* (“roseiral”), o local, e *rodé* (“roseira”), a planta. Arquíloco:

com um talo de mirto alegrava-se  
e, da roseira, a bela flor.

**Fr. 31:** Sinésio (*laudatio calvitii* 11 p. 75b, Op. p. 211.12 Terzaghi) οὐκοῦν ἅπαντες οἶονταί τε καὶ λέγουσιν αὐτοφυῆς εἶναι σκιάδειον τὴν κόμην· καὶ ὁ κάλλιστος ποιητῶν Ἀρχίλοχος ἐπαινέσας αὐτήν, ἐπαινεῖ μὲν οὖσαν ἐν ἐταίρας σώματι, λέγει δὲ οὕτως·

<sup>1</sup> Trata-se de um léxico de sinônimos ou homônimos tardios, atribuído a Amônio (sucessor de Aristarco em Alexandria), mas era “provavelmente um léxico composto por Herênio Filo”, início do séc. II a.C. (DICKY, 2007, p. 94-96).

<sup>2</sup> μυρσίνης Pseudo-Amônio (*de adfin. vocab. diff.* 431, p. 111 Nickau). A forma ática μυρρίνης encontra-se no Escólio a Teócrito (4. 45, p. 147. 12 Wendel) e no *Etimológico Magno* (s.v. θαλλόν, θάλλω); μυρίνης *Etimológico Genuíno* AB.

<sup>3</sup> ἐτέρπετο Pseudo-Amônio (*de adfin. vocab. diff.* 431, p. 111 Nickau), Escólio a Teócrito (4. 45, p. 147. 12 Wendel).

<sup>4</sup> ῥοδέης Schneidewin (1838), Tarditi (1968).

<sup>5</sup> Cf. Ateneu (*Deipn.* 52f), Panfilo (fr. I Schm.), Hesíquio (iv p. lxi), Herodiano (Lenz i. 321.25), Eustácio (in Hom. p. 1963.48).

ἡ δέ οἱ<sup>6</sup> κόμη  
ᾧμους κατεσκίαζε<sup>7</sup> καὶ μετάφρενα.

Portanto, todos julgam e dizem ser o cabelo um sombreiro natural. O melhor dentre os poetas, Arquíloco, quando louva o cabelo, louva-o no corpo de uma *hetera* dizendo assim:

e (mas?) seu cabelo  
sombreava ombros e dorso.

Bergk (1882,<sup>4</sup> 1915) foi o primeiro a reunir esses dois fragmentos (Fr. 30 e 31 *IEG*) em um só texto e, depois dele, todos os editores<sup>8</sup> (e vários comentadores)<sup>9</sup> seguiram a sua sugestão, ou publicaram os versos em fragmentos distintos, porém consecutivos, indicando como provável ou possível tal junção.<sup>10</sup> Os três versos assim reunidos comporiam, segundo o editor, uma comovente descrição da jovem Neobula, “noiva” do poeta:<sup>11</sup>

ἔχουσα θαλλὸν μυρσίνης ἐτέρπετο  
ῥοδῆς τε καλὸν ἄνθος. ἡ δέ οἱ κόμη  
ᾧμους κατεσκίαζε καὶ μετάφρενα.

Alegrava-se com um talo de mirto  
e a bela flor da roseira. Seu cabelo  
sombreava ombros e dorso.

<sup>6</sup> δέ φοι, como em Homero. Cf. Arquíloco (Fr. 43.1 *IEG*).

<sup>7</sup> κατεσκίαζε corr. Bentley; κατασκίαζει Sinésio.

<sup>8</sup> Fick (1886; 1888), Hiller (1890), Hoffmann (1898), Diehl (1926;<sup>1</sup> 1936;<sup>2</sup> 1952<sup>3</sup>), Edmonds (1931), Lasserre (1950, Lasserre e Bonnard, 1968), Adrados (1956-1976, 1990<sup>3</sup>), Treu (1959), West (1993).

<sup>9</sup> Hauvette (1905), Fränkel (1975, p. 144), Campbell (1982, p. 148), Burnett (1983, p. 81, nota 16).

<sup>10</sup> Schneidewin (1838), Tarditi (1968), West (1971;<sup>1</sup> 1989<sup>2</sup>), Gentili e Catenacci (2007, p. 93-94).

<sup>11</sup> Bergk, (1882,<sup>4</sup> 1915), Lasserre (1950, p. 151), Campbell (1983, p. 6).

Há inclusive quem, antes ou depois de Bergk (1882,<sup>4</sup> 1915), não reúna os versos, mas os associe com Neobula.<sup>12</sup> O primeiro a se opor às hipóteses de Bergk foi Costanza (1950), seguido por Marzullo (1957) e Gerber (1970, p. 23).<sup>13</sup> Em seu artigo, Costanza argumenta que as fontes dos fragmentos são distintas e que não apenas a sua junção, assim como a interpretação que supõe uma amorosa descrição de Neobula, são fantasiosas. De fato, não há nexos necessários entre os versos, e Sinésio é explícito quanto ao sujeito: trata-se de uma hetera. Para contornar tal evidência, alguns sugeriram que Sinésio estivesse enganado<sup>14</sup> ou que Arquíloco referia-se a Neobula como se fosse uma cortesã, após o rompimento do acordo nupcial.<sup>15</sup> Um passo dos *Amores* de Pseudo-Luciano foi associado com os fragmentos 30-31 *IEG* por alguns editores e comentadores a partir de Bergk, contribuindo para a leitura romântica desses versos, pois julgavam tratar-se de resumo prosaico do poema de Arquíloco:<sup>16</sup>

ἔναγχος γοῦν διηγουμένου σου τὸν πολὺν ὡς καὶ παρ' Ἡσιόδῳ  
κατάλογον ὧν ἀρχῆθεν ἠράσθης ἰλαραὶ μὲν τῶν ὀμμάτων αἰ  
βολαὶ τακερῶς ἀνυγραίνοντο, τὴν φωνὴν δ' ἴσην τῇ Λυκάμβου  
θυγατρὶ λεπτὸν ἀφηδύνων ἀπ' αὐτοῦ τοῦ σχήματος εὐθὺς δῆλος  
ἦς οὐκ ἐκείνων μόνων ἀλλὰ καὶ τῆς ἐπ' αὐτοῖς μνήμης ἐρῶν  
(PSEUDO-LUCIANO, *Amores* 3 (iii). 86.24 Macleod), Fr. 33).

<sup>12</sup> Liebel (1812, 1818<sup>2</sup>) não reuniu os fragmentos e acreditava que, se fosse referência a Neobula, tratava-se de um poema injurioso, já que “mulheres honestas não carregam mirtos ou rosas”. Gaisford (1823) publicou os fragmentos distintamente, indicando, porém, que o Fragmento 31 *IEG* poderia referir-se a Neobula. Para Schneidewin (1838), o Fragmento 30 *IEG* faria parte de um epodo, enquanto o Fr. 31 *IEG* seria parte de um poema em trímetros jâmbicos, “possivelmente uma ofensa a Neobula”.

<sup>13</sup> Cf. Campbell (1982, p. 148): “caso Sinésio esteja correto, o poema não é sobre Neobula”.

<sup>14</sup> Lasserre e Bonnard (1958, p. 40), West (1971,<sup>1</sup> 1989<sup>2</sup>: ἐταίρας v. ll. ἐτέρας, ἐτέρω.) A edição de Brunck (1785) apenas inclui o Fragmento 30 *IEG*.

<sup>15</sup> Hauvette (1905, p. 196), Adrados (1990,<sup>3</sup> p. 54, nota 3): o poeta recorda-se de Neobula “antes da perdição”. Cf. Rankin (1977, p. 67: “not likely Neobula, unless she is depicted as a prostitute”) e Burnett (1983, p. 81: “a girl who was now common property had once seemed as unstained as any pre-Raphaelite maid”).

<sup>16</sup> Diehl (1926,<sup>1</sup> 1936,<sup>2</sup> 1952<sup>3</sup>). Cf. Wilamowitz (1924, p. 271), que transforma a prosa de Pseudo-Luciano em dísticos elegíacos. Constanza (1950, p. 159), porém, prefere associar o fr. 48 ao 30 e ao 31 *IEG*, cf. *infra*.

Justo agora, quando narravas – como em Hesíodo – o vasto catálogo de teus amores desde o início, os alegres *lances dos olhos languidamente derretiam e adoçavas* a voz, delicada, semelhante à da filha de Licambes, a partir de sua própria maneira era evidente que não apenas as amavas, mas amavas também a memória delas.

Constanza (1950, p. 159) assinala a presença do vocabulário erótico na descrição de Pseudo-Luciano (*bolai, takerôs, anugrainonto, aphēdýnōn*). Mas Fränkel (1975, p. 144) observava que “não se deve esperar, no período arcaico, poesia amorosa no sentido moderno: moças desposáveis não recebiam serenatas. Se Arquíloco louva moças, essas são sempre, presumivelmente, heteras”.

Nada indica tratar-se de uma “serenata”. Os versos, tanto os do fragmento 30 *IEG*, quanto os do 31 *IEG*, fazem descrição em terceira pessoa. Há elementos que nos indiquem que os versos têm por objetivo louvar ou denegrir as moças ou mulheres que retrata? Sequer sabemos se são duas ou uma só.

O fragmento 30 *IEG* foi preservado por Pseudo-Amônio em virtude de *rodê* (“roseira”), um termo poético raro.<sup>17</sup> Na poesia grega, o emprego de imagens do mundo vegetal para a sexualidade feminina é um lugar comum, assim como o corpo feminino é frequentemente associado com paisagens férteis. No mito de Perséfone, é ao colher flores em um prado que ela, a chamada de *Kóre* (“moça”, “virgem”) é raptada por Hades; o colher flores sendo associado com a defloração da virgem e as bodas.

Conforme Pausânias (6. 24. 7), a rosa é uma flor sagrada a Afrodite, como o mirto. Essas duas plantas são símbolos eróticos, originalmente associados à fecundidade e fertilidade,<sup>18</sup> e eram elas que

<sup>17</sup> A palavra é atestada em Asclepiades de Mirlea (*FGrH* 697 F 4 em Ateneu 2. 50e), Panfilio (em Ateneu 2.52f) e em Apolônio de Rodes (3.1020). Bossi (1990,<sup>2</sup> p. 114) nota a glosa de Hesíquio, ignorado por todos menos Diehl (addenda, 1ª ed.): Hesíquio p 394 Schm. ῥοδῆ· αὐτὸ τὸ δέυνδρον.

<sup>18</sup> Constanza (1950, p. 155m, n.4).

“davam prazer” (*etérpeto*) à moça ou mulher em Arquíloco 30 *IEG*.<sup>19</sup> Quanto ao mirto, ele “era de origem oriental, e, antes da rosa, fazia parte do culto orientalizante de Astarte-Afrodite” (CONSTANZA, 1950, p. 155, nota 3), nomes associados ao mirto sendo comuns para cortesãs.<sup>20</sup>

Ateneu (*Deipn.* 682d-f) cita o autor da *Cípria* e, no poema, há um verso cuja formulação é próxima ao de Arquíloco:

ἀνθῶν δὲ στεφανωτικῶν μέμηται ὁ μὲν τὰ Κύπρια ἔπη  
πεποηκῶς Ἥγησίας ἢ Στασίνος <ἢ καὶ Κυπρίας> Δημοδάμας  
γὰρ ὁ Ἀλικαρνασσεὺς ἢ Μιλήσιος ἐν τῷ περὶ Ἀλικαρνασσοῦ  
(FGrHist 428 F 1) Κυπρία Ἀλικαρνασσεῶς αὐτὰ εἶναι φησι  
ποιήματα. λέγει δ' οὖν ὅστις ἐστὶν ὁ ποιήσας αὐτὰ ἐν τῷ α'  
οὐτωσί· (*Cípria* Fr. 5 W).

εἶματα μὲν χροῖ ἔστο, τὰ οἱ Χάριτές τε καὶ ὼραι  
ποίησαν καὶ ἔβαψαν ἐν ἄνθεσιν εἰαρινοῖσιν  
ὅσσα φέρουσ' ὼραι, ἐν τε κρόκῳ ἐν θ' ὑακίνθῳ  
ἐν τε ἴῳ θαλέθοντι ρόδου τ' ἐνὶ ἄνθεϊ καλῶι  
ἠδέϊ νεκταρέῳ ἐν τ' ἀμβροσίαις καλύκεσσι  
ἴ' ἄνθεσι ναρκίσσου καλλιρρόου δ' οἰαῖ Ἀφροδίτη  
ὼραις παντοίαις τεθυωμένα εἶματα ἔστο.

O poeta da *Cípria*, Hegesia ou Stasino <ou *Cípria*>, menciona flores de guirlandas, pois Demodama de Halicarnasso ou Mileto, em obra sobre Halicarnasso, diz ser poema de *Cípria* de Halicarnasso. Quem quer que seja o autor, diz assim no Livro 1:

Vestia sobre a pele vestes que as Graças e Horas lhe  
[fizeram,  
imersas em flores primaveris,  
quantas as estações trazem: em açafraão, jacinto,  
violeta viçosa, e na bela flor da rosa,

<sup>19</sup> Para a rosa e o mirto, sagradas a Afrodite, cf. Pausânias (6.24.7: ῥόδον μὲν καὶ μυρσίνη Ἀφροδίτης τε ἱερὰ εἶναι καὶ οἰκεῖα τῷ ἐς Ἄδωνιν λόγῳ), e Swift (2016, p. 257, n. 15) cita ocorrências da rosa em cenários eróticos (*locus amoenus*: *Hino Homérico a Deméter* 6, Safo Fr. 2.6, 96.13 V) e associada a Afrodite ou a Eros (*Cípria* fr. 4, Íbico Fr. 288, S257(a) fr. 1 *PMGF*, Baquilides 17.116, Anacreonte Fr. 6, 35, 44 e Eurípides, *Med.* 841).

<sup>20</sup> Ateneu (*Deipn.* 13. 576f).

doce, nectárea, e em botões ambrosíacos  
do narciso em flor... assim Afrodite  
vestia vestes que exalavam todas as estações.

Liebel (1812, 1818<sup>2</sup>) foi o primeiro a sugerir que, em Arquíloco Fr. 30 *IEG*, o fato de a moça segurar essas duas plantas emblemáticas indica que não se trata de uma jovem virgem, mas de uma mulher associada aos prazeres de Afrodite.<sup>21</sup> De todo modo, a moça ou mulher no fragmento 30 *IEG* “alegrava-se” (*etéropeto*). Que alegria é essa?<sup>22</sup>

Para quem aceita a união dos fragmentos 30 e 31 *IEG*, o sujeito dos versos do fragmento 30 *IEG*, assim como no fragmento 31 *IEG*, seria uma hetera. Um cenário verossímil para uma hetera é o banquete, que era enfeitado com mirtos, e onde heteras tocavam o *aulos*, dançavam e alegravam os convivas. Assim, uma leitura possível dos versos de 30 *IEG* é que eles descreviam uma hetera que “se alegrava” (*etéropeto*) “com uma rosa e um talo de mirto nas mãos”. Mas se alegrava como? A hetera poderia simplesmente alegrar-se por dançar com o mirto e a rosa em mãos. Ou seria esse um trímetro jâmbico menos inocente em que a hetera “alegrava-se” no sentido de ter prazer sexual, com o talo de mirto e a rosa? Pois os poemas de erotismo mais explícito de Arquíloco são compostos em trímetros jâmbicos (embora o *corpus* de poemas neste metro não se restrinja a esse tema). Vale lembrar que a *térpsis* (termo cognato a *etéropeto*), no *Primeiro Epodo de Colônia*, de Arquíloco (fr. 196<sup>a</sup>.13 *IEG*), é um prazer sexual, e ainda há o fato de a rosa e o mirto, na poesia grega, serem metáforas para órgãos sexuais.

Embora o termo *thállos*, traduzido aqui como “talo”, não seja atestado por si só como metáfora para o órgão sexual masculino, nesse sentido, Aristófanes emprega em *Lisístrata* (v. 735) *amorgís* (“haste de malva”), e não é difícil imaginar um possível emprego metafórico de *thállos* em Arquíloco, como o de *órpaks* (“broto”) em Safo 115 V:

<sup>21</sup> Seguem-lhe Constanza (1950, p. 156) e Rankin (1977, p. 66).

<sup>22</sup> Gerber (1970, p. 23) recorda um fragmento de Aléxis (Fr. 98.24 K), em que uma hetera abre a boca “com um ramo de mirto” para aprender a sorrir.

τίω σ', ὃ φίλε γάμβρε, καλῶς εἰκάσδω;  
ὄρπακι βραδίνω σε μάλιστ' εἰκάσδω.

“Ao que de belo te comparo, ó caro noivo?  
A um ramo esguio mais te comparo”<sup>23</sup>

O mirto é atestado como metáfora do órgão sexual feminino na *Lisístrata* de Aristófanes (v. 1004) e no Platão cômico (188.12 KA), sendo que alguns críticos interpretam o mirto presente no fragmento 32 *IEG* de Arquíloco como uma metáfora para o órgão sexual feminino.<sup>24</sup> Mas, na forma neutra, *murrínon* (“mirto”), trata-se do pênis n’ *Os cavaleiros*, de Aristófanes (v. 964). A rosa, por sua vez, segundo Henderson (1991, p. 134-5), representa *pudenda muliebria* em Ferécates (113. 29) e Cratino (116.2 KA).

O fragmento 31 *IEG* de Arquíloco, transmitido de forma independente por Sinésio em seu *Elogio à calvice*, descreve como o cabelo da hetera faz sombra, “encobre” ombros e dorso.<sup>25</sup> Swift (2016, p. 257, n. 13) lembra que a “sombra” ou os lugares “sombreados” ocorrem em descrições de prados eróticos em Safo (Fr. 2.7 V), Íbico (286.5 *PMGF*), e na *Teognideia* (v. 1252), e que

Arquíloco inverte o lugar comum poético que descreve a natureza em termos que evocam o erotismo humano, pois, ao contrário, ele apresenta o corpo da moça como representação da natureza, já que ela providencia os aspectos de sombra e flores que são gerados pela própria terra (SWIFT, 2016, p. 257).

Um paralelo para esse mesmo emprego do verbo *skiázdo* (“sombrear”) encontra-se em Anacreonte (Fr. 347 *PMG* P. Oxy. 2322 Fr.1), poeta de meados do sexto século, sobre um rapaz:

<sup>23</sup> Tradução de Giuliana Ragusa (2013).

<sup>24</sup> Arquíloco (Fr. 32 *IEG* διέξ τὸ μύρτον), em Gerber (1999) e Swift (2016, p. 257, nota 16).

<sup>25</sup> Veja Marzullo (1957, p. 81; 1965, 67, p. 13) para *metáphrena* como “dorso”. A combinação de “ombros e dorso” é convencional, encontrando-se na *Odisseia* (VIII, 528: μετάφρενον ἠδὲ καὶ ὄμους), *Iliada* (II, 65: μετάφρενον ἠδὲ καὶ ὄμω): a ordem inversa em Arquíloco deve-se à necessidade métrica. Veja *kataskiáo* em Homero (*Odisseia* XII, 436), *kateskiazde* em Hesíodo (*Teogonia*, 716-7).



καὶ κ[όμη]ς, ἢ τοι κατ' ἀβρὸν  
 ἐσκία[ζ]εν αὐχένα·  
 νῦν δὲ δὴ σὺ μὲν στολοκρός,  
 ἢ δ' ἐς αὐχμηρὰς πεσοῦσα  
 5 χεῖρας ἀθρόη μέλαιναν  
 ἐς κόνιν κατερρῦη  
 τλημόν[ω]ς τομῆι σιδήρου  
 περιπεσο[ῦ]σ'·

...e do cabelo que sombreava teu  
 delicado pescoço;

mas agora tu estás calvo –  
 o cabelo, após cair aos chumaços em ásperas  
 mãos, rumo à negra  
 poeira escorreu,

desgraçadamente tendo encontrado  
 cortante lâmina de espada.<sup>26</sup>

Para rapazes e moças, o cabelo longo e solto possuía forte apelo erótico, como nos testemunha também Semônides (Fr. 7. 57ss *IEG*) no retrato de sua vaidosa mulher-potranca de crina longa:<sup>27</sup>

τὴν δ' ἵππος ἀβρὴ χαιτέεσσ' ἐγείνατο,  
 ἢ δούλι' ἔργα καὶ δύην περιτρέπει,  
 κοῦτ' ἄν μύλης ψαύσειεν, οὔτε κόσκινον  
 60 ἄρειεν, οὔτε κόπρον ἐξ οἴκου βάλοι,  
 οὔτε πρὸς ἱπνὸν ἀσβόλην ἀλεομένη  
 ἴζοιτ'· ἀνάγκη δ' ἄνδρα ποιεῖται φίλον·  
 λοῦται δὲ πάσης ἡμέρης ἄπο ρύπον  
 δίς, ἄλλοτε τρίς, καὶ μύροις ἀλείφεται,  
 65 αἰεὶ δὲ χαίτην ἐκτενισμένην φορεῖ  
 βαθεῖαν, ἀνθέμοισιν ἐσκιασμένην.  
 καλὸν μὲν ὦν θέημα τοιαύτη γυνή

<sup>26</sup> Tradução de Giuliana Ragusa (2013).

<sup>27</sup> Contanza (1950, p. 160) indica paralelos verbais entre esses versos e os de Arquíloco, assinalando o que considera ser uma evidente influência de Arquíloco em Semônides.

ἄλλοισι, τῷ δ' ἔχοντι γίνεται κακόν,  
 ἦν μή τις ἢ τύραννος ἢ σκηπτοῦχος ἦ,  
 70 ὅστις τοιούτοις θυμὸν ἀγλαΐζεται.

Outra, a caprichosa potranca fez:  
 tarefas e fadigas vis recusa.  
 Na mó não quer tocar, nem agitar  
 peneira, nem jogar dejetos fora,  
 nem quer ficar ao forno, evitando  
 breu; se interessar, faz do macho amigo.  
 Todos os dias lava o seu cascão  
 duas, três vezes; anda perfumada,  
 bem penteada, sempre traz a crina  
 comprida, com flores bem arrumada.  
 Essa mulher é um belo espetáculo  
 aos outros: ao marido é uma desgraça,  
 se não for mão-de-ferro ou sargentão  
 que disso bem no fundo tenha orgulho.<sup>28</sup>

Se em Arquíloco (Fr. 31 *IEG*) o cabelo “sombrea os ombros e o dorso”, a leitura do verbo *kateskiadze* como “cobrir”<sup>29</sup> – tendo em vista que se trata de uma hetera, conforme observa Sinésio – pode sugerir que “os ombros e o dorso” estivessem descobertos, total ou parcialmente, e não faltam representações iconográficas de heteras nuas ou seminuas em simpósios.

Ao contrário da leitura dos versos como uma descrição de uma hetera em atividades eróticas, Della Corte (1940, p. 94, nota 3) e Lavagnini (1947,<sup>3</sup> p. 102-103) associaram o gesto da moça que tem em mãos uma rosa e um ramo de mirto, com cabelos soltos sobre ombros e costas, e talvez sorrindo (pois é assim que interpretam o verbo *etépeto*), com as *kórai* da estatuária arcaica.<sup>30</sup> A sugestão foi desenvolvida por Constanza (1950, p. 156 ss), que cita as *kórai* encontradas em um recinto sagrado (*témenos*) a Afrodite no Chipre: de pé, elas seguram uma flor ou

<sup>28</sup> Tradução de Breno Sebastiani.

<sup>29</sup> Cf. Marzullo (1965, 67, p. 12), Gerber (1970, p. 23, *katà* significa “completamente”).  
 Treu (1959) cita Ovídio (*Met.* 13.844: *coma...umeros...obumbrat*).

<sup>30</sup> Veja também Rankin (1977, p. 123 n. 69).

um pássaro contra o seio. Constanza (1950, p. 157) conclui que a moça do fragmento 30 *IEG* de Arquíloco possuiria alguma relação com o culto de Afrodite, entendendo “culto” no sentido mais amplo.<sup>31</sup>

As *kórai* são estatuas votivas, mas na maioria dos casos não é claro se representam a deusa, uma sacerdotisa ou quem as oferece, e eram dedicadas a várias divindades: Perséfone (a *Kóre* por excelência), Ártemis, Hera, Atena, Deméter, Afrodite, e as ninfas (BOARDMAN, 1978, p. 24). Uma das *kórai* mais antigas é a de Nicandre. A estátua feita em mármore pário data de c. 650 a.C. (sendo assim contemporânea de Arquíloco) e foi encontrada no templo de Apolo em Delos. Esta *kóre* foi dedicada a Ártemis por Nicandre, habitante de Naxos, a ilha mais próxima à Páros de Arquíloco. Hoje, a *kóre* mais célebre é a de Phrasikleia, que não é contemporânea a Arquíloco (pois data de c. 550 a.C.), mas é obra de um conterrâneo do poeta, Ariston de Paros. É uma estátua funerária, encontrada em ótimo estado de conservação ao lado de um *kouros* em túmulo de cemitério de Mirrino na Ática. A *kóre* segura uma flor de lótus.<sup>32</sup>

A comparação do sujeito feminino em Arquíloco com as *kórai* arcaicas é interessante. Pois é provável que o poeta conhecesse essas estatuas e, embora seja difícil supor uma verdadeira *ekphrasis* nessa época, resta a sugestão de que esse tipo na estatuária arcaica possa ter influenciado o poeta na descrição de uma *hetera*.<sup>33</sup> No entanto, embora a união dos fragmentos produza um conjunto atraente, tal junção carece de provas mais fortes, e a analogia com a estatuária arcaica apoia-se nessa hipótese.

## Referências

ADRADOS, F. R. *Líricos griegos I: elegiacos y yambógrafos arcaicos*. Barcelona: Alma Mater, 1956-1959.

<sup>31</sup> Constanza (1950, p. 157, n. 1): “Alla parola culto bisogna dare um significato largo, non limitandolo alle sole cerimonie rituali, ma estendendolo a tutte quelle pratiche della vita pubblica e privata comunque collegate con la religione di una divinità”.

<sup>32</sup> A base da estátua traz a seguinte inscrição (IG I<sup>3</sup> 1261 IG I<sup>3</sup> 1260 IG I<sup>3</sup> 1262 ): “Túmulo de Phrasikleia. Serei sempre chamada de *Kóre* (= virgem); em vez de bodas, tendo recebido dos deuses, por quinhão, esse nome. Aristion de Paros me fez”.

<sup>33</sup> Cf. Swift (2016, p. 257).

- ADRADOS, F. R. *Líricos griegos I: elegiacos y yambógrafos arcaicos*. 3. ed., Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990.
- BERGK, T. *Poetae lyrici graeci*. 4. ed. Leipzig: B. G. Teubner, 1915. v. II.
- BOARDMAN, J. *Greek Sculpture: the Archaic Period. A Handbook*. Nova Iorque; Oxford: Oxford University Press, 1978.
- BOSSI, F. *Studi su Archiloco*. 2. ed. Bari: Adriatica, 1990.
- BRUNCK, R. F. P. *Analecta veterum poetarum graecorum*. Estrasburgo: Argentorati, 1772. v. I.
- BURNETT, A. P. *Three Archaic Poets: Archilochus, Alcaeus, Sappho*. Londres: Duckworth, 1983.
- CAMPBELL, D. A. *Greek Lyric Poetry: a Selection of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry*. 2. ed. Bristol: Bristol Classical Press, 1982.
- CAMPBELL, D. A. *The Golden Lyre: the Themes of the Greek Lyric Poets*. Londres: Duckworth, 1983.
- CONSTANZA, S. Interpretazione del fr. 25 D di Archiloco. *Univ. di Messina Fac. di Lett. e Filos.* v. 1, p. 151–61, 1950.
- DELLA CORTE, F. Elegia e giambo in Archiloco. *RFIC*, v. 68, p. 90-8, 1940.
- DICKEY, E. *Ancient Greek Scholarship: a Guide to Finding, Reading, and Understanding Scholia, Commentaries, Lexica and Grammatical Treatises, from their Beginnings to the Byzantine Period*. Londres; Nova Iorque: Oxford University Press, 2007.
- DIEHL, E. *Anthologia lyrica graeca*. Leipzig: B. G. Teubner: 1925.
- DIEHL, E. *Anthologia lyrica graeca*. 2. ed. Leipzig: B. G. Teubner, 1936.
- DIEHL, E. *Anthologia lyrica graeca*. 3. ed. Leipzig: B. G. Teubner, 1952.
- EDMONDS, J. M. *Greek Elegy and Iambus*. Londres: Heinemann, 1931.
- FICK, A. F. Die Sprachform der altionischen und altattischen Lyrik. *Beiträge zur Kunde der Indogermanischen Sprachen*, v. 11, p. 242-72, 1886.
- FICK, A. F. Die Sprachform der altionischen und altattischen Lyrik. *Beiträge zur Kunde der Indogermanischen Sprachen*, v. 13, p. 173-221, 1888.

FRÄNKEL, H. *Early Greek Poetry and Philosophy: a History of Greek Epic, Lyric, and Prose to the Middle of the Fifth Century*. Translated by M. Hadas e J. Willis. Oxford: Basil Blackwell, 1975.

GAISFORD, T. *Poetae minores graeci*. Leipzig: Kühn, 1823. v. I.

GENTILI, B.; CATENACCI, C. *Polinnia: poesia greca arcaica*. 3. ed. Messina; Firenze: G. d'Anna Casa, 2007.

GERBER, D. E. *Euterpe: An Anthology of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry*. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 1970.

GERBER, D. E. *Greek Iambic Poetry From the Seventh to the Fifth Centuries B.C.* Cambridge, Mass.; Londres: Harvard University Press, 1999.

HAUVETTE, A. *Archiloque, sa vie et ses poésies*. Paris: Fontemoing, 1905.

HENDERSON, J. *The Maculate Muse: Obscene Language in Attic Comedy*. 2. ed. Nova Iorque; Oxford: Oxford University Press, 1991.

HILLER, E. *Anthologia lyrica graeca sive lyricorum graecorum veterum praeter Pindarum*. Leipzig: B. G. Teubner, 1890.

HOFFMANN, O. *Die griechischen Dialekte in ihrem historischen Zusammenhange* (III): Der Ionische Dialekt. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1898.

KURKE, L. Inventing the “Hetaira”: Sex, Politics, and Discursive Conflict in Archaic Greece. *Classical Antiquity*, Califórnia, v. 16, n.1, p. 106-150, 1997. DOI: <https://doi.org/10.2307/25011056>.

LASSERRE, F. *Les épodes d'Archiloque*. Paris: Belles Lettres, 1950.

LASSERRE, F.; BONNARD, A. *Archiloque: Fragments*. Paris: Belles Lettres, 1958.

LAVAGNINI, B. *Aglaia*. Nuova antologia della lirica greca da Callino a Bacchilide. Torino: Paravia, 1947.

LIEBEL, I. *Archilochi Reliquiae*. Leipzig: Sommer, 1812.

LIEBEL, I. *Archilochi Reliquiae*. 2. ed. Wien: Johann Bartholomäus Zweck, 1818.

- MARZULLO, B. *Frammenti della lirica greca*. Florença: Sansoni, 1965.
- MARZULLO, B. La chioma di Neobule. *Rheinisches Museum für Philologie*, Colônia, v. 100, p. 68-82, 1957.
- RAGUSA, G. *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013.
- RANKIN, H. D. *Archilochus of Paros*. Park Ridge, N.J.: Noyes Press, 1977.
- SCHNEIDEWIN, F. G. *Delectus poesis graecorum elegiacae, iambicae, melicae*. Göttingen: Vandenhoeck et Ruprecht, 1838.
- SNELL, B.; FRANYÓ, S. *Frühgriechische Lyriker, II. Die Jambographen*. Berlim: Akademie Verlag, 1972.
- SWIFT, L. Poetics and Precedents in Archilochus' Erotic Imagery. In: SWIFT, L.; CAREY, C. (Orgs.). *Iambus and Elegy: New Approaches*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 253 – 270. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199689743.001.0001>; <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199689743.003.0014>.
- TARDITI, G. *Archiloco*. Roma: dell' Ateneo, 1968.
- TREU, M. *Archilochos*. München: Ernst Heimeran, 1959.
- WEST, M. L. *Greek Lyric Poetry*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- WEST, M. L. *Iambi et elegi graeci ante Alexandrum cantati I*. Oxford: Oxford University Press, 1971.
- WEST, M. L. *Iambi et elegi graeci ante Alexandrum cantati I*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, U. Lesefrüchte. *Hermes*, v. 59, p. 249-73, 1924.